

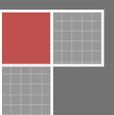
2000

A Estatueta

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2007



A estatueta

Jorge foi a África pela primeira e última vez por ocasião de um congresso científico. Ficou cinco dias no campus da Universidade de Kingonjaro, no Kilanje, e apenas transpôs os portões - guardados por um funcionário vestido como um general soviético - quando chegou e quando o conduziram ao aeroporto para a viagem de regresso à Europa.

Ficou com a recordação do ruído das cigarras nas árvores, uma chinfrineira insuportável que só parecia aumentar o calor. Um som aumentando a temperatura, com certeza mais um sortilégio africano. Recordava as paredes de cimento do auditório, esburacadas não por uma guerra mas pelo arquitecto, de modo a permitir a circulação de ar. E guardava uma vaga ideia do percurso entre o campus e o aeroporto: prédios iguais aos de qualquer cidade, ainda que mais velhos, como se os tempos modernos tivessem parado nos anos cinquenta; e bairros de lata - ou seriam bairros indígenas? - a perder de vista quando o asfalto terminava às portas do aeroporto.

Conheceu África, todavia, de duas maneiras. No intervalo de uma conferência críptica proferida por uma colega em desespero de carreira, conhecera Magnus no bar. Era um colega seu do Kilanje. Especialista em filosofia da matemática, formado em Oxford, com pós-graduação no MIT dos Estados Unidos, Magnus era uma figura imponente - pelos quase dois metros sustentados por um corpo de atleta, pelo curriculum internacional e - ou sobretudo - pelo seu ar distanciado, irónico e descrente.

- Aquela senhora pensa que só por misturar alhos e bugalhos está a criar uma teoria nova. Uma verdadeira revolucionária! Só que a mistura vai-lhe explodir nas mãos...

Jorge simpatizou com o personagem.

- E nós é que apanhamos os cacós, quando os alunos começarem a ler aqueles disparates e acharem-nos uma revelação...

Ficaram a conversar a tarde inteira. Magnus era O Cosmopolita por excelência, e Jorge ouvia, pois não tinha grandes novidades para dar sobre a vida na Universidade da Beira Baixa. Passearam pelo campus. Numa esquina, alguns jovens vendiam bugigangas africanas aos congressistas. Jorge não precisou de esperar que Magnus lhe dissesse que nem uma das estatuetas em exposição era verdadeira. Até que, ao olhar distraidamente para o interior de uma caixa de papelão que em tempos transportara latas de leite da Nestlé, Jorge apercebeu-se duma cabeça rachada encimando uma parturiente acocorada. Quando pegou na peça sentiu logo que a queria comprar, falsa ou não. Magnus não disse nada. Sorriu. Jorge perguntou-lhe o que achava:

- O que é que VOCÊ acha, Jorge?

- Bem, não sei, mas... sinto que gosto muito. Tem energia...

- Lá isso tem - suspirou Magnus. - Tem “gandji”, Jorge, muito “gandji”.

Jorge não só comprou a estatueta por tuta e meia, como aprendeu que “gandji” significava “força anímica” e que a estatueta muito provavelmente estivera envolvida num ritual de iniciação, numa aldeola qualquer para lá dos prédios, do asfalto e dos bairros de barracas.

Ao fim de duas horas, Jorge achou que o melhor local para colocar a estatueta no seu apartamento seria o parapeito da janela. Assim, a estatueta africana ficava em primeiro plano e o castelo medieval, lá ao fundo na colina assinalada pela antena dos telemóveis, serviria de cenário paradoxal. Mas a estatueta revelaria ter vontade própria, como as imagens das Nossas Senhoras que passam a vida a querer mudar de sítio até que lhes construam uma capela. Dia sim, dia não, quando voltava da universidade, Jorge entrava no apartamento e a estatueta não estava no parapeito. Tão pouco fugia sempre para o mesmo sítio. Encontrou-a na dispensa, ao lado do atum Tenório, no armário onde guardava as fronhas das almofadas, e até dentro de um saco de plástico ao lado do caixote do lixo. À terceira vez decidiu perguntar à mulher a dias se ela teria alguma informação sobre a itinerância da estatueta. Frontal, Eurípedes respondeu-lhe:

- O senhor Doutor não pode ter aquilo ali. Aquilo é superstição. O senhor doutor, que é um homem culto, para que é que quer uma coisa primitiva dessas aí? Se quiser eu vejo-me livre disso.

A mulher tremia. Em Cabo Verde ninguém era ensinado a ser submisso para com os tugas. Mas uma mulher a dias não levanta a voz para o patrão. Jorge não sabia o que dizer, até que se lembrou de dizer a coisa mais lógica:

- A estatueta fica no parapeito e a senhora Eurípedes não se intrometa.

A mulher amou. Quinze minutos antes da hora de saída anunciou que o jantar ficava no forno e que tinha de sair mais cedo. Tinha exame do nono ano no dia seguinte e estava atrapalhada com a matéria de História de Portugal.

*

No dia em que Magnus chegou, a Universidade da Beira Baixa estava em frenesi. Não era todos os dias que um catedrático do prestigiado Massachusetts Institute of Technology chegava para proferir uma conferência. As altas autoridades, tudo menos inconscientes do facto de o homem ser africano, andavam numa azáfama para lhe proporcionarem o melhor hotel, os melhores restaurantes, os melhores entretenimentos. Mas na primeira noite, Jorge insistiu em convidá-lo para jantar em sua casa. Encomendara uma catchupa rica a Eurípedes, “para ele saborear a mistura da Europa com a África”. Depois do jantar, e enquanto saboreavam um licor regional, Magnus contava como a professora de cuja conferência haviam fugido em Kingonjaro era agora directora de um novo departamento na Harvard dedicado a uma coisa nova e com grande sucesso cujo título era impronunciável. E logo, como que por associação de ideias, perguntou onde estava a estatueta. Quando Jorge se virou de lado na cadeira e apontou para o parapeito da janela, um calafrio paralizou-o: o castelo medieval estava mais visível do que nunca, pois no parapeito espalhavam-se cacos, mais ou menos calcinados, e vagamente indicativos da estatueta: um olho aqui, um pé ali, alguns pedaços no chão.

Eurípedes correu ao grito. Não vinha cabisbaixa, antes pelo contrário. Não foi preciso perguntar-lhe nada:

- O senhor doutor não se via livre daquilo, vi-me eu. Fica mal a um doutor ter dessas superstições em casa.

Jorge estava hirto. Magnus, seriíssimo. Pediu que Jorge traduzisse o que Eurípedes havia dito e que explicasse o que se passava. Magnus ergueu-se lentamente. A sua cabeça roçou no candeeiro de tecto. Jorge permaneceu sentado: presentia que alguma coisa desagradável ia passar-se. Eurípedes manteve-se firme, com os braços cruzados, mas o olhar revelava intimidação com a presença do negro alto e imponente.

- Bring me a linen cloth. Quick! - disse para a cabo-verdiana.

- O que é que ele disse, senhor doutor?
- Hã... Traga um pano de linho, se faz favor.
- Um pano de linho?!
- Sim, Eurípedes, um pano de linho, vá lá!

A mulher resmungava, agora em crioulo. Magnus percebeu que não era exactamente português. Abanou a cabeça em desaprovação. Retirou o pano de linho das mãos dela com um gesto súbito. Ajoelhou-se frente à janela. Enquanto ia colocando cada caco da estatueta no pano de linho, entoava uma canção sincopada em Kilanjiano. Jorge e Eurípedes assistiam atónitos, como se estivessem a ver um programa da National Geographic. Reunidos todos os cacos, Magnus atou o pano com um nó firme, ergueu-se e, com um sorriso triste, despediu-se de Jorge.

- Magnus... O que é que você vai fazer com isso?

- “Isto” há-de voltar comigo para Kilanje. Depois do aeroporto, quando acaba o asfalto, segue-se pela estrada de terra durante uns cinquenta quilómetros. Vira-se à esquerda na primeira grande jaqueira que se encontra. Dez quilómetros adiante há uma aldeia onde mora uma mulher que foi quem rachou a cabeça a esta estátua há uns quarenta anos atrás. Ela saberá o que fazer.

*

Magnus voltou à terra natal ainda antes de regressar aos Estados Unidos. Primeiro o ritual na aldeia que mencionara, só depois - e com que atraso - o lançamento do seu último “best-seller” sobre a filosofia clássica da matemática. Jorge, duas semanas depois, teve o seu contracto renovado, mas passou a ser pago em recibos verdes e a dar aulas introdutórias a alunos com média de 5 valores que tinham colocado aquele curso em quinta escolha. Eurípedes completou o nono ano, respondeu acertadamente à pergunta sobre a viagem de Vasco da Gama e é hoje mestre escola em Cabo Verde.